

Falta a decoração da alma

Não pode ser apenas coincidência. Talvez os fanados encantos do Rio ainda seduzam o presidente Fernando Henrique Cardoso, reavivando saudades e cutucando recordações de melhores tempos. A evidência, constatada pelos repórteres que cobriram a afanosa agenda no seu último giro carioca, é que Fernando Henrique parecia ter reencontrado o bom humor, a descontração, o largo sorriso que, às vezes, dá a impressão de um tanto forçado, um tique que ajuda a disfarçar os vazios das conversas.

Presidente sempre tem bons motivos para aborrecer-se e outros tantos para alegrar-se. Prevalece a dose de cada dia, peneirada pelo temperamento.

De natural, o presidente é um privilegiado pela índole. Acontece que, ultimamente, sinais preocupantes de clara transformação no seu humor indicavam crescente irritação com os tropeços seguidos do governo, a insistência na cobrança dos compromissos, as críticas aos desacertos e omissões da equipe administrativa e o seriado de azares e incidentes que se refletem nos índices das obsessivas pesquisas sobre as reações da opinião pública.

Todos essas nuvens dissiparam-se no clima no Rio, em dia de sol esquivo abrindo manchas de azul no céu enfaruscado. O presidente surpreendeu os jornalistas com a cordialidade e a paciência à perseguição profissional exagerada e implacável e respondeu a todas as perguntas, às de sempre, repetidas a cada aproximação na maratona dos compromissos.

Mandou recados, lançou carapuças com nítidos endereços e permitiu-se algumas afirmações que soaram como reprimendas. O governador do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar, foi mimoseado com tais gentilezas que não cabia em si de euforia. E não foram apenas paparicos. Mas, algumas colocações consistentes, como seu interesse numa difícil aliança entre o PSDB e o PFL para o apoio de candidato comum à Prefeitura carioca.

O ministro da Saúde, Adib Jatene, recebeu seu quinhão com a inequívoca afirmação de empenho do governo na aprovação da empacada emenda constitucional que cria a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e que marca passo no Congresso.

Engrossou a voz para o piparote no ministro do Planejamento, Antônio Kandir, que se pronunciara contra o imposto do Jatene, armando começo de crise no governo, já contornada. "Não há resistência possível à palavra do presidente da República" - lembrou

A recuperação não parece completa nem consolidada

o próprio, recitando velha e óbvia norma do presidencialismo. Reiterou: "Quem está no governo segue o presidente".

Mas, se o horizonte presidencial clareou com a escapulida da monotonia da rotina burocrática de Brasília e a injeção de otimismo com algumas boas notícias que quebraram a cadência dos dados azarentos, a recuperação não parece completa nem consolidada.

Pois mesmo nos improvisos pontilhados de amenidades — como a citação provocativa de Karl Marx encaixada no fluente improvisado à sisuda a platéia de empresários do setor de telecomunicações — pingou gotas da amargura que azedaram seus dias de baixo austral. Queixá-se com excessiva acrimônia dos que não reconhecem os esforços do governo para a modernização do país, estão sempre reclamando mais velocidade e firmeza nas privatizações, melhor desempenho no cumprimento de promessas de campanha e na implementação de planos anunciados e que não saem do papel.

Na rápida passagem de dois dias incompletos pelo Rio, Fernando Henrique mostrou que deu a volta por cima e arrumou a cabeça. Está faltando a decoração da alma.